

NELSON RODRIGUES: O NOSSO BOCA DE OURO

por Moisés Neto

"Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico", disse o pernambucano Nelson Rodrigues, que nasceu da cidade do Recife - PE, em 23 de agosto de 1912, quinto filho de catorze e tem como uma obra onde a morte aparece punindo o sexo ou o sexo punindo a morte e faleceu na manhã do dia 21 de dezembro de 1980, um domingo. No fim da tarde daquele dia ele faria treze pontos na loteria esportiva, num "bolo" com seu irmão Augusto e alguns amigos de "*O Globo*". Em 1926 o expulsaram do Colégio Batista, da Tijuca, quando ele estava no segundo ano do ginásio, por rebeldia. O pai dele, em 1924, denunciou que os usineiros pernambucanos haviam dado um colar caríssimo à esposa do então presidente Epitácio Pessoa. Foi preso no Rio de Janeiro e o jornal que ele dirigia, o *Correio da Manhã*, foi fechado pelo governo por oito meses. Nelson iniciou como repórter de polícia, aos treze anos. Aos catorze anos, fez sexo pela primeira vez com uma prostituta dentro de um quarto. Voltou muitas vezes. Sempre triste, em 1928 ele vem ao Recife, a família tentava livrá-lo da depressão em que se encontrava, apaixonado por algumas atrizes. Em 1929 viu seu irmão ser assassinado no jornal, por uma mulher que queria matar o pai deles por denunciar-lhe a separação conjugal. A assassina foi absolvida.

Nelson casou-se com Elza, cuja mãe era uma siciliana, daí algo de pernambucano e italiano nesta obra. Casou-se no civil e comemorou tomando café com leite e torrada numa lanchonete. Voltaram para o trabalho no *Globo* e deram expediente normal. Em 09 de dezembro de 1942, foi encenada sua peça *A mulher sem pecado*, produzida pela "Comédia Brasileira", direção Rodolfo Mayer, Teatro Carlos Gomes, Rio de Janeiro. Foram só duas semanas e não teve sucesso de público. Em 1943, Nelson escreveu uma segunda peça teatral: *Vestido de Noiva*, referencial até hoje para a dramaturgia brasileira. Ele escreveu também as novelas *Suzana Flag* e *Meu destino é pecar*. *Anjo Negro* e *Dorotéia* são duas de suas outras peças. *Senhora dos afogados*, *Perdoa-me por me traíres*, *Viúva porém honesta*, *Álbum de família*, *Os sete gatinhos*, *Beijo no asfalto*, *Otto Lara Resende ou Bonitinha mas ordinária*, *Toda nudez será castigada*, *O Anti-Nelson Rodrigues*, *A serpente*, estão dentre as várias peças de Nelson que marcaram a cultura brasileira. Escreveu sobre futebol também.

Entre 1959 e 1960, muitos leitores acompanharam a história de *Engraçadinha* e sua família em *Asfalto Selvagem*. Foram publicados dois livros, intitulados "*Engraçadinha — seus amores e seus pecados dos doze aos dezoito*" e "*Engraçadinha — depois dos trinta*". Ele escreveu também algumas novelas para a TV: *A morte sem espelho* e *Sonho de Amor*", em 1964. É autor do romance *O Casamento* (livro cheio das "depravações" rodriguianas, como incesto e orgias).

Nelson é autor da peça *Boca de Ouro*, que tem como enredo as peripécias de um bicheiro da zona norte do Rio de Janeiro, que foi colocado logo que nasceu numa pia do banheiro de uma gafeira, largado pela mãe prostituta, a quem nunca conheceu. Relativamente rico, quando adulto, na contravenção e malícia, mandou arrancar os próprios dentes, substituindo-os por uma dentadura de ouro.

Este anti-herói rodrigueano quer esquecer o cruel nascimento e aqui Nelson joga com elementos da sua tragédia: os arquétipos, fundindo e confundindo, objetividade e subjetividade extrema.

Muito já se falou da representação do subúrbio, na obra deste autor: a simbologia, a psicologia com que o autor o retrata. Rodrigues trabalha com a ruptura com a linearidade do tempo cronológico, “encavalando” cenas, alternando-as de modo a expor sua teoria sobre o brasileiro, ou melhor, o que é ser humano. São mulheres histéricas, homens com idéias reacionárias e/ou incendiárias.

Neste texto teatral, o “Boca” representa todos os homens e, ao mesmo tempo, o “Outro”: aquele em que todo ser humano se espelha.

Logo na primeira cena, no dentista, quando ele ordenou que o doutor arrancasse seus dentes e encomendou a tal dentadura de ouro (de onde virá o seu nome), vemos que se trata de uma reificação, de um projeto humano, levada às raias da obsessão e da loucura. Ele quer dominar, ser poderoso e desmascarar a *hipocrisia* humana.

Assassino, ladrão, torturado, maníaco, cruelíssimo, busca a invulnerabilidade, diz que tem “corpo fechado” aos outros personagens, como à dona Guigui. Os personagens, Agenor (marido dela), o repórter, o locutor de rádio, as três grã-finas, Celeste, Leleco (este marido desta é assassinado, depois de se mostrar canalha também, pela própria mulher), são respaldo e reflexo do berço / pia de gafeira onde quem o pariu, abriu a torneira e o *batizou*. Jogado no mundo hostil, em vez de sentir medo, prefere encarnar a violência e diz superar o papel que lhe foi dado enquanto bebê rejeitado (marca terrível para a sociedade em que está).

Seu poder furioso fantasia até com o útero da mãe promíscua, vítima e algoz, como quase todos os personagens que reforçam o que o nosso anti-herói representa na sua *revolta* homicida.

Depois de morto, roubaram-lhe a dentadura. Uma curiosidade sobre o Boca de Ouro: tem a ver com as Igrejas Católica e Ortodoxa. "Boca de Ouro", mais conhecido por João Crisóstomo, além de santo, ainda acumula o título de doutor da igreja. Parece que viveu cem anos (307 - 407 A.D.) e, durante todo esse tempo, falou tanto, pronunciou tanto sermão, tinha uma retórica tão torrencial que, ao seu nome João, acrescentaram-lhe Crisóstomo, cujo significado em grego é "Boca de Ouro". Foi anti-semita e enquanto bispo

de Antioquia, pronunciou "*Oito Homilias contra os judeus*" para instrução e re formação moral da cidade, segundo ele, nominalmente cristã.

Frases de **Nelson Rodrigues**:

- Tudo passa, menos a adúltera. Nos botecos e nos velórios, na esquina e nas farmácias, há sempre alguém falando nas senhores que traem. O amor bem-sucedido não interessa a ninguém.

- O jovem tem todos os defeitos do adulto e mais um: o da imaturidade.

- A grande vaia é mil vezes mais forte, mais poderosa, mais nobre do que a grande apoteose. Os admiradores corrompem.

- O brasileiro não está preparado para ser "o maior do mundo" em coisa nenhuma. Ser "o maior do mundo" em qualquer coisa, mesmo em cuspe à distância, implica uma grave, pesada e sufocante responsabilidade.

- Há na aeromoça a nostalgia de quem vai morrer cedo. Reparem como vê as coisas com a doçura de um último olhar.

- Nós, da imprensa, somos uns criminosos do adjetivo. Com a mais eufórica das irresponsabilidades, chamamos de "ilustre", de "insigne", de "formidável", qualquer borra-botas.

- Ou a mulher é fria ou morde. Sem dentada não há amor possível.

- Assim como há uma rua Voluntários da Pátria, podia haver uma outra que se chamasse, inversamente, rua Traidores da Pátria.

- Está se deteriorando a bondade brasileira. De quinze em quinze minutos, aumenta o desgaste da nossa delicadeza.

- O boteco é ressoante como uma concha marinha. Todas as vozes brasileiras passam por ele.

- A mais tola das virtudes é a idade. Que significa ter quinze, dezessete, dezoito ou vinte anos? Há pulhas, há imbecis, há santos, há gênios de todas as idades.

- O homem não nasceu para ser grande. Um mínimo de grandeza já o desumaniza. Por exemplo: um ministro. Não é nada, dirão. Mas o fato de ser ministro já o empalha. É como se ele tivesse algodão por dentro, e não entranhas vivas.

- Outro dia ouvi um pai dizer, radiante: "Eu vi pílulas anticoncepcionais na bolsa da minha filha de doze anos!" Estava satisfeito, com o olho rútilo. Veja você que paspalhão!

- Chegou às redações a notícia da minha morte. E os bons colegas trataram de fazer a notícia. Se é verdade o que de mim disseram os necrológicos, com a generosa abundância de todos os necrológicos, sou de fato um bom sujeito.

- Em nosso século, o "grande homem" pode ser, ao mesmo tempo, uma boa besta.

- O artista tem que ser gênio para alguns e imbecil para outros. Se puder ser imbecil para todos, melhor ainda.

- Toda mulher bonita leva em si, como uma lesão da alma, o ressentimento. É uma ressentida contra si mesma.

- Acho a velocidade um prazer de cretinos. Ainda conservo o deleite dos bondes que não chegam nunca.